



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JÚNIA QUÉSIA DO NASCIMENTO ELIAS BARBOSA

DISLEXIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR

CAMPINA GRANDE, PB

2017

JÚNIA QUÉZIA DO NASCIMENTO ELIAS BARBOSA

DISLEXIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR

Artigo de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Diana Sampaio Braga

CAMPINA GRANDE, PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

E42d Elias, Junia Quesia do Nascimento.
Dislexia e aprendizagem escolar [manuscrito] / Junia Quesia do Nascimento Elias. - 2017.
35 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Diana Sampaio Braga, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Dislexia. 2. Ensino e aprendizagem. 3. Educação inclusiva.

21. ed. CDD 370.115

JÚNIA QUÉSIA DO NASCIMENTO ELIAS BARBOSA
DISLEXIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura Plena
em Pedagogia

Aprovada em: 04/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Diana Sampaio Braga Nota: _____

Prof. Me. Diana Sampaio Braga (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Livânia Beltrão Tavares Nota: _____

Prof. Me. Livânia Beltrão Tavares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ellis Regina Ferreira dos Santos Nota: _____

Prof. Ellis Regina Ferreira dos Santos
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Dedico este trabalho a todos os que sempre me apoiaram e incentivaram, em especial, aos meus pais, Maria Márcia do Nascimento e Geraldo Máximo; meu esposo Emmanuel Barbosa e meus filhos Sara Emanuelle e Thiago Ryan, meus irmãos, e aos meus colegas e amigos de curso, da Universidade para a vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao meu bondoso Deus que me fortaleceu e me deu sabedoria para vencer mais uma etapa da minha vida.

Aos meus pais Marcia, que são minha inspiração de lutar para alcançar objetivos que sempre me apoiaram e incentivaram nas horas que tentei fraquejar, desaminar, mais me deram forças pra seguir em frente.

Ao meu esposo Emmanuel, que em todos os momentos me apoiou e me ajudou a buscar realizar meus desejos, aos meus filhos Sara Emanuelle e Thiago Ryan, que, mesmo sendo pequenos, ficavam felizes com minhas conquistas, e compreenderam minha ausência.

Aos meus irmãos Isaque, Noemi e Eliasibe, e minha cunhada Emanuella que me apoiaram sem medir esforços, no que estivesse ao seu alcance.

À minha orientadora Diana, que me ajudou a realizar esse meu trabalho com empenho e dedicação, a professora Livânia que me ajudou no início nesta jornada de produção deste trabalho.

E por não podia deixar de agradecer, aos meus amigos e colegas de turma, que acompanharam minhas lutas diárias e dividiram as vitórias alcançadas, que sempre me apoiaram nas mais diversas situações e almejavam meu sucesso.

A todos o meu sincero muito obrigada!

*Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho
pelo qual se pôs a caminhar.*

Paulo Freire

SUMÁRIO

1- Introdução.....	7
2- Conceito de dislexia.....	09
2.1 Definição	10
3- Avaliação.....	13
4- Causas da dislexia.....	15
5- Estatística.....	16
6- Possíveis sinais que os disléxicos possam apresentar.....	19
7- A alfabetização de disléxicos.....	21
8- Orientações aos professores para que se possa promover a inclusão.....	22
9- Métodos que auxiliam no aprendizado da criança com dislexia.....	25
9.1 A utilização do jogo como ferramenta no aprendizado das crianças com dislexia.....	27
10- Tratamento.....	29
10.1- Um método efetivo para a inclusão e reeducação do disléxico.....	29
11- Considerações finais.....	31
12- Referências.....	32

DISLEXIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR

Júnia Quésia do Nascimento Elias Barbosa

Resumo

O presente artigo aborda a questão da dislexia, que é uma dificuldade de aprendizagem da leitura e da escrita, mostrando a importância de se compreender tal quadro, e a necessidade do professor estar preparado para receber estas crianças com subsídios para auxiliar no seu aprendizado. O objetivo foi refletir sobre a importância de se ter métodos de ensino que possam auxiliar no aprendizado de crianças disléxicas. Para a fundamentação teórica, foram estudados os seguintes autores: MAASI (2008), MUSKAT (2002), PENA (2008), SERAFIM (2011), MUKHINA (1995). A metodologia foi a pesquisa bibliográfica. Os resultados demonstraram que é possível propiciar o aprendizado da leitura e da escrita à criança com dislexia, pois ela tem capacidade de aprender, desde que o professor busque métodos que propiciem, pois ela não é deficiente, ela só tem um problema cognitivo, seu aprendizado vai ser mais lento que as outras crianças mais ela vai ter uma vida escolar de sucesso se ela tiver um acompanhamento. Portanto, concluímos que é necessário que os professores em sua prática pedagógica busquem se capacitar, para que estejam preparados para receber e incluir os alunos com algum tipo de dificuldade cognitiva, pois este trabalho nos propiciou refletir sobre a importância de entendermos o que é dislexia e algumas formas de ajudar no aprendizado destas crianças. Para isso, é importante frisar a importância do jogo como prática pedagógica, pois através dos jogos é possível estimular a aprendizagem das crianças, pois ao mesmo tempo em que ela brinca também se socializa, visando sua aprendizagem. Através de um jogo educativo, o convívio social é influenciado, o desenvolvimento social, afetivo, assim como a coordenação motora, a ordem do pensamento, as noções de tempo e de espaço são estimuladas. As aulas planejadas devem abordar não apenas o tradicional, mas deve-se recorrer a metodologias que envolvam não apenas a criança disléxica, mas também os demais alunos, para que assim possam promover a interação entre todos os alunos da sala de aula. Contudo, devemos ressaltar que Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem e que as escolas devem orientar aos professores como lidar com essa dificuldade das crianças, para que elas possam não só ser incluídas nas escolas, mais sim avançarem em sua aprendizagem.

Palavras-chaves: Dislexia; Metodologia; Aprendizagem.

1- INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretendemos realizar uma discussão sobre dislexia e a importância da escolha de métodos para alfabetizar crianças com este quadro, mostrando que não é fácil este processo, mas é possível fazê-lo, desde que o professor se dedique e procure

compreender que a criança com Dislexia não é menos inteligente que as outras e sim que ela tem uma dificuldade no seu aprendizado.

Este trabalho também tem a finalidade de esclarecer sobre o tema em discussão, dentro do âmbito escolar no contexto educacional, contribuindo para que o professor reflita sobre como lidar com esta questão de muitos alunos e buscar soluções.

Este estudo propõe, através de uma pesquisa bibliográfica, compreender o que é dislexia, suas características, a metodologia que podem ser utilizadas para o processo de alfabetização de crianças com dislexia e como a escola trabalha com crianças que são disléxicas e como se dá a alfabetização das mesmas, e avaliar métodos que podem ajudar as escolas a obter ferramentas que lhes auxiliem na alfabetização dessas crianças.

Nesse contexto, as práticas pedagógicas são as ferramentas que professores terão em mãos, junto com as ciências de ensino, para construir os saberes na formação do conhecimento dos alunos. Portanto o professor deve estar atento às dificuldades que os seus alunos tenham para não julgá-lo como não aprendiz e sim está pronto a ajudá-lo se ele tiver dificuldade de aprendizagem.

Atualmente vemos descaso de muitos professores com crianças que têm esse distúrbio, muitas vezes por não conhecerem este problema e acharem que a criança não acompanha os assuntos do mesmo modo das outras por serem menos inteligente ou achar que elas são hiperativas. Contudo, vale a pena ressaltar que Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem e que as escolas devem orientar os professores como contribuir para a aprendizagem destas crianças.

A discussão sobre dislexia há algum tempo vem ganhado destaque, sendo um tema debatido em vários programas e escolas, até em filmes, para mostrar que não é fácil de ser diagnosticado, pois geralmente o primeiro diagnóstico que é dado à criança com esta dificuldade é que ela é atrasada, é incompetente e com isso a criança vai se retraindo e fica mais difícil ainda de alfabetizá-la.

Trabalhando em uma escola da rede particular de ensino, tivemos a experiência de ensinar a um aluno que foi diagnosticado com o distúrbio de dislexia, e percebemos a dificuldade em esta criança ser alfabetizada. Pudemos ver a falta de experiência da família e da escola em compreender a dislexia, com isso surgiu o desejo de nos

aprofundarmos no assunto, e tentar pesquisar métodos em que as crianças tenham mais oportunidades de ser alfabetizadas.

O estudo se justifica ainda por permitir mostrar a relação do professor com as crianças com dislexia e os problemas que essas crianças passam na escola. Este estudo será de grande relevância, pois, vem a mostrar algumas teorias de autores que discutem sobre o tema, e a importância de debater sobre a dislexia que é um assunto que ganhou bastante visibilidade.

Deste modo, mostrar que a escola foi criada para ensinar a todas as crianças e que esta tem que estar preparada para identificar esta dificuldade de aprendizagem que é a dislexia e poder mostrar formas de amenizá-la.

A relevância deste projeto está na necessidade de explicar questões, tendo como finalidade descrever a dislexia, além de abordar sugestões de intervenções que venham a ajudar a professores na identificação desta dificuldade e no processo de alfabetização de crianças disléxicas.

2- CONCEITO DE DISLEXIA

HISTÓRIA DA DISLEXIA

Os primeiros relatos documentados sobre diagnóstico de dislexia ocorreram em 1896, por Pringle Morgan, um médico neurologista inglês, que nomeou de cegueira verbal congênita, e a definiu como um transtorno de aprendizagem na escrita e leitura. Segundo Hout (2001).

Pringle Morgan relatou o caso quando atendeu uma criança de 14 anos que apresentava problemas apenas para ler e escrever, e que oralmente se comunicava extremamente bem. Este caso foi comparado ao de dois adultos que apresentaram problemas de leitura após uma lesão cerebral e, sendo assim, Morgan e Hinshelwood, outro médico interessado no caso, caracterizariam a dislexia recém-descoberta como um déficit grave, inesperado e isolado da aprendizagem da leitura, que ocorria em alunos inteligentes, porém tinha origem neurológica. (HOUT, 2001).

Antes dessa definição, esta dificuldade era vista associada a outros problemas, relacionada a deficiências físicas ou mentais, ou seja, vista como doenças e não como um problema cognitivo ou de aprendizagem, como podemos ver na afirmação de Capeline (2011, p 167)

Em resumo temos um foco que se moveu da concepção da dislexia como consequência de anomalias sensoriais ou perspectivas no sistema visual, passando a partir das décadas de 70 e 80, para um enfoque nos fatores cognitivos e linguísticos.

A procedência da dislexia se fundamenta na linha corporal, na base psicomotora, e se desenvolve anteriormente à escrita. É de conhecimento de profissionais da área que a criança, para aprender a ler, necessita da consciência de seu corpo, seu lado direito e esquerdo etc., e a criança disléxica não possui essa capacidade, o que a faz confundir direita e esquerda (ALVES, 2009).

A dislexia é considerada um distúrbio específico da linguagem, que tem como característica principal a dificuldade da pessoa em decodificar ou em compreender algumas palavras. Para a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2006), o transtorno é uma insuficiência do processo fonológico e está incluída em geral entre as dificuldades de leitura e aquisição da capacidade de escrever e soletrar, ou seja, podemos entendê-la como uma alteração de leitura.

2.1 DEFINIÇÃO

Este problema denominado dislexia é caracterizado basicamente pela apresentação de grande dificuldade para o alcance da leitura e aquisição da escrita, nenhum atraso intelectual é detectado, problema de ordem psicológica ou deficiência no aspecto sensorial que venha a justificar esse tal transtorno. De acordo com Massi (2007)

Grandes partes das crianças disléxicas convivem com os frequentes fracassos no âmbito escolar, e em sua convivência em sociedade, que desencadeiam baixa autoestima e, levam a comportamentos que variam da indiferença à agressividade, que acarretam um grande desgaste na sua vida dentro da escola e no seu convívio familiar.

Dislexia é uma dificuldade específica no aprendizado da leitura e da escrita, em pessoas com desenvolvimento cognitivo normal. De acordo com Drovot, (2003), ela aparece e é mais fácil de ser diagnosticada no início da alfabetização, onde vai ser inserida a criança na leitura e na escrita.

A dislexia é um fenômeno que tem centralizado atenções no contexto educacional, e nas últimas décadas vem ganhando status como um dos distúrbios de aprendizagem que mais acometem crianças na idade escolar. (MASSI, 2007, p 11)

A dislexia é um transtorno genético e hereditário, ou seja, a criança que é diagnosticada com o problema vai ter algum familiar que também tem dislexia. De acordo com ABD (Associação Brasileira de Dislexia), cerca de 0,5 a 17 % da população tem esse transtorno, e não é certo afirmar que crianças com esse distúrbio são menos inteligentes, elas só não tem a mesma facilidade em aprender determinados assuntos do que as outras. Esta dificuldade acontece mais com meninos, pois segundo pesquisas recentes a causa da dislexia está relacionada com a produção excessiva de testosterona.

A dislexia também compromete a capacidade de aprender a ler e escrever com correção e fluência, e de compreender um texto. Em diferentes graus, as pessoas com este defeito congênito não conseguem estabelecer a memória fonêmica, isto é, associar os fonemas às letras.

As primeiras discussões envolvendo dificuldades na aprendizagem da linguagem escrita coincidem com a história da própria institucionalização de ensino, quando no final do século XIX, surgiram na França escolas elementares públicas obrigatórias e formalmente organizadas. (MASSI, 2007, p. 25).

Essa afirmação de Massi comprova que a dislexia não é um distúrbio novo e que precisa ser trabalhado e compreendido pelos professores, para que possam entender como ajudar de forma correta as crianças que passam por essa dificuldade de aprendizagem.

Deve-se compreender que a dislexia não é uma deficiência e sim uma dificuldade cognitiva; e esse problema pode acompanhar a infância e chegar até a fase adulta, mas esse indivíduo vai ter uma vida normal.

Na visão cognitivista, os termos disfunção e imaturidade se contrapõem à noção de lesão e má formação. Passam a ser usados para descrever função cerebral supostamente anormal, a qual poderia acarretar desordens cognitivas – também chamadas de instrumentais – que, por sua vez, interferiam negativamente na aprendizagem da escrita. Portanto, nessa abordagem, deficiências cognitivas – decorrentes de disfunções cerebrais – seriam tomadas como causas da dislexia e poderiam afetar diferentes processos de construção do objeto escrito, tais como a percepção visual, a percepção auditiva, a memória e a estruturação espaço temporal. (MASSI, 2007, p.34)

Agora é importante deixar em destaque que a origem da dislexia não tem relação com alfabetização mal feita, falta de acesso à aprendizagem, dificuldades na escola ou

crianças que não acompanham os níveis de todas as crianças da mesma idade no período da alfabetização e hiperatividade, ou culpa do professor que não soube ensinar, todas essas afirmações não condizem com a definição de dislexia, estão totalmente equivocadas.

Em suma, a dislexia é um transtorno específico de aprendizagem da leitura comprovadamente de origem neurobiológica caracterizado pela dificuldade na habilidade de decodificação e soletração, fluência e interpretação. Essas dificuldades resultam tipicamente do déficit no componente fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas. (CAPELINE, 2011, p.31)

A criança disléxica tem a dificuldade na leitura também vista em estudo por elas lerem devagar, pois esta criança, além do déficit cognitivo, tem dificuldades em fazer uma leitura rápida direta bem articulada. Por estes motivos, ela tem tanta dificuldade em adquirir a leitura, mas é complicado a ajudar a criança com dislexia, pois esses aspectos são pouco discutidos, como vemos nesta afirmação de Alves (2009):

...são claramente perceptíveis as dificuldades de leitura, sobretudo na modalidade oral, das crianças disléxicas. A fluência, a velocidade e a precisão articulatória e a entonação estão visivelmente alteradas. Entretanto mesmo diante da grande importância desses aspectos para um bom desenvolvimento da aprendizagem da leitura, eles pouco têm sido pesquisados (ALVES, 2009, p. 94)

A dislexia se apresenta por meio de dificuldades em distintas formas de linguagem, repetidamente incluindo, além das dificuldades com leitura, uma dificuldade de escrita e de soletração (Capeline, 2011). Também, de acordo com Capeline (2011, p.38), a dislexia pode ser definida como, (...) um tipo de desorientação causada por uma habilidade cognitiva natural que pode substituir percepções sensoriais normais por conceituações; dificuldades com leitura, escrita, fala e direção, que se originam de desorientações desencadeadas por confusões com relação aos símbolos.

Conforme Ellis (1995), podem ser citados como alguns dos sintomas que aparecem em crianças disléxicas os seguintes: a falta de interesse por livros; dificuldade de montar quebra-cabeças; falta de coordenação motora; dificuldade de soletrar; dificuldade de aprender rimas e músicas; desatenção; dificuldade de manusear dicionários, listas e mapas; timidez excessiva, depressão; dificuldade nas aulas de matemática e desenho geométrico; dificuldade de copiar matérias do quadro-negro ou de livros; dificuldade de pintar desenhos e recortar papel; vocabulário pobre; dificuldade de identificar direita e esquerda, entre outros.

Agora temos que salientar que a dislexia em cada pessoa pode vir a se manifestar de uma forma específica, pois sabemos que somos todos diferentes então não podemos achar que todas as crianças disléxicas vão demonstrar os mesmos problemas em sua totalidade:

Na maioria dos disléxicos, uma única teoria não explica toda sintomatologia e atualmente é aceito que déficit do processamento fonológico pode ocorrer com outros déficits, como um nível fonético velocidade de produção do gesto articulatório, prosódico e cognitivo velocidade reduzida de processamento. (CAPELINE, 2011, p. 31)

Alguns autores classificam a dislexia em três tipos: a dislexia disfonética, deiseidética e mista. Mattis (1975) “classifica a dislexia com alterações primárias da linguagem, como transtorno articulatório grafomotor e dislexia com transtorno visoperceptivo”.

- Dislexia disfonética (por processamento auditivo; por falhas na estrutura da linguagem). É um transtorno específico na aprendizagem que apresenta falhas no processamento perceptivo auditivo, e em especial daquilo que se escuta e a expressão oral da leitura ou da escrita. Principais erros nesse tipo de disléxicos, segundo GÓMES (2001) são: Substituição mudanças de letras por outras de fonética similar; Inversões, modificação da sequência das letras ou das sílabas em uma palavra; Emissões de letras ao escrever ou ler; Lentidão; Aumento de letras ou repetição; Separação inadequada das palavras.
- Dislexia deiseidéticas (se expressam por dificuldade na percepção visoespacial) nesse tipo os disléxico pode distinguir as disgestaliatica, nas quais as falhas ocorrem no processo visual) Os principais erros são: Falhas no esquema corporal; Confusão de letras que tem orientação espacial diferente: b d, q p; Inversões; Omissões; Ao escrever unem letras, sílabas e palavras; Falha na associação do grafema e do fonema; Não reconhece o erro cometido; Falha na cópia.
- A dislexia grafomotoras (percebe as alterações nas praxias). As dificuldades nesse tipo se dar: no escrever, no orçamento(sequencial, alterações na coordenação.
- **Disléxicos Mistos:** é o mais grave dos tipos da dislexia, pois esses possuem as dificuldades dos tipos citados anteriormente e também apresentam confusões

espaciais, sendo necessário que um grupo de especialista na área possa estudar o caso.

Somados os tipos de dislexias são possíveis dizer que cada tipo apresenta uma característica diferente, mas se complementam entre si, o primeiro apresenta boa leitura, contudo não consegue nem ler nem escrever palavras que não tenha conhecimento prévio, já o segundo tem uma leitura lenta porém na leitura reconhecem palavras que já conhecem e as que lhes são apresentadas ali sendo elas desconhecidas pelo disléxico, o terceiro grupo é o mais difícil, pois apresenta todas as características dos demais e ainda por cima necessita da ajuda de profissionais para ajudá-lo na questão espacial.

3- AVALIAÇÃO

De acordo com estudos feitos pelo Centro de Estudo e Aprendizagem vemos que crescer com dislexia pode ser desafiante, quer para as crianças que a apresentam, quer para os professores que tenham de lidar com ela em contexto de sala de aula. Por um lado, dificuldades ao nível da lecto-escrita acabam sempre por refletir-se em dificuldades na aquisição de todas as disciplinas, sempre que estas impliquem o recurso à leitura e à escrita. Isto pode tornar-se frustrante para crianças com dislexia, as quais podem acabar por sentir-se menos inteligentes e menos capazes do que na realidade são.

O desgaste de repetidas situações de stress relacionadas com problemas escolares resulta muitas vezes numa crescente desmotivação em prosseguir os estudos.

Por outro lado, os professores podem também sentir dificuldades em avaliar aquilo que a criança com dislexia verdadeiramente aprendeu e assimilou. Com efeito, nem sempre aquilo que a criança mostra saber corresponde na totalidade àquilo que ela verdadeiramente sabe. Crianças com dislexia são frequentemente prejudicadas pela sua própria dificuldade em expressar por escrito os seus novos conhecimentos, resultando na sua sub avaliação.

Em resumo: a existência de dificuldades de lecto-escrita nada tem que ver com dificuldades do foro intelectual da criança. É urgente aceitar isto para, enfim, implementar novas e adaptadas formas de ensinar os conteúdos escolares, e de avaliar o verdadeiro conhecimento assimilado por estas crianças.

É fundamental que cada vez mais professores se predisponham a desmistificar noções erróneas quanto às capacidades cognitivas destas crianças, e se abram a novas abordagens de avaliação devidamente ajustadas às suas características específicas.

Abordagens essas que visem avaliar de forma justa e objetiva os conhecimentos da criança, sem que a avaliação seja enviesada pelas dificuldades que ela tem em expressar por escrito aquilo que realmente aprendeu.

Segundo a ABD, a avaliação de disléxicos deve ser composta por Fonoaudiólogas, Psicopedagogas e Neuropsicólogas para atender crianças, adolescentes e adultos que apresentam Dislexia e/ou outros Transtornos de Aprendizagem. Em geral, a Equipe Multidisciplinar é solicitada quando há a necessidade de um laudo para auxiliar educadores, terapeutas e pais de pessoas com Dislexia e/ou outros Transtornos de Aprendizagem. O trabalho da Equipe Multidisciplinar se inicia quando há o acolhimento dos pacientes adultos ou dos pais dos pacientes menores de 18 anos numa Primeira Entrevista, que é a ocasião em que a Psicóloga/Neuropsicóloga vai ouvir as queixas, os problemas do paciente, o seu histórico de vida, as situações em que se apresentam e, assim, vai verificar se o caso apresentado é passível de avaliação.

4- CAUSAS DA DISLEXIA

A causa do distúrbio é uma alteração cromossômica hereditária, o que explica a ocorrência em pessoas da mesma família. Pesquisas recentes mostram que a dislexia pode estar relacionada com a produção excessiva de testosterona pela mãe durante a gestação da criança. (Capeline 2011)

O cérebro de crianças disléxicas possui falhas nas suas conexões cerebrais, por isso elas têm dificuldade no processo de leitura, pois elas recorrem somente à área do cérebro que processa fonemas, com isso elas têm a dificuldade de diferenciar os fonemas das sílabas.

A grande maioria dos autores aponta a teoria do déficit fonológico como causa da dislexia relevando as dificuldades relacionadas ao processo ao processamento fonológico em tempo real, como dificuldade em tarefas que envolvem repetição de palavras e não palavras, em reter informações verbais na memória de trabalho, na nomeação rápida e em tarefas metalinguísticas que envolvem a manipulação de fonemas. (CAPELINE, 2011, p. 31)

Segundo Capeline (2011), as pesquisas feitas por vários historiadores não veem a explicar com exatidão a causa específica da dislexia, porém se acredita que é um problema proveniente do desenvolvimento da criança que pode vir a afetar a parte do

cérebro que processa as informações, também acreditam que a herança genética também pode ser uma das causas.

Pesquisas demonstram que a dislexia, muitas vezes, é hereditária e desta forma ocorre na família. Estas pesquisas mostram que se um irmão ou pai da criança tem o histórico de dislexia, a criança tem cerca de 40% de chance de ter dislexia também. Alguns estudam sugerem que o risco familiar para a dislexia é contínuo ao invés de discreto. (CAPELINE, 2011, p.56)

A consciência fonológica pode ser compreendida como um conjunto de habilidades que vão desde a simples percepção global do tamanho da palavra e de semelhanças fonológicas entre as palavras até a segmentação e manipulação de sílabas e fonemas (Bryant & Bradley, 1985). Fazendo parte do processamento fonológico, que se refere às operações mentais de processamento de informação baseadas na estrutura fonológica da linguagem oral.

Assim, a consciência fonológica refere-se tanto à consciência de que a fala pode ser segmentada quanto à habilidade de manipular tais segmentos, e se desenvolve gradualmente à medida que a criança vai tomando consciência do sistema sonoro da língua, ou seja, de palavras, sílabas e fonemas como unidades identificáveis (Capovilla & Capovilla, 2000).

Enquanto a consciência de segmentos supra fonêmicos desenvolve-se de modo espontâneo, o desenvolvimento da consciência fonêmica necessita da introdução formal a um sistema de escrita alfabético (MORAIS, 1995). A precedência da consciência supra fonêmica em relação à consciência fonêmica é devida ao fato de que sílabas isoladas são manifestadas como unidades discretas da fala, o que não ocorre com os fonemas. Segundo Morais (1995), para a consciência de fonemas são necessárias instruções expressas sobre a estrutura da escrita alfabética, no intuito de familiarizar a criança com o mapeamento que esta escrita faz dos sons da fala.

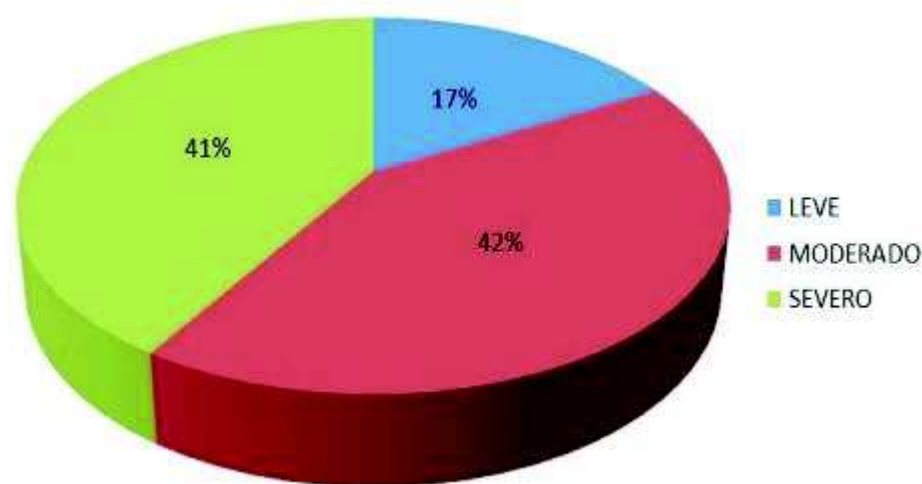
Vale ressaltar que as instruções para o desenvolvimento da habilidade de manipular os sons da fala, bem como as instruções para desenvolver a habilidade de converter esses sons em escrita e vice versa, devem ser realizadas de modo a tornar explícito à criança estas correspondências (Capovilla & Capovilla, 2000).

5- ESTATÍSTICA

Segundo ABD (associação brasileira de dislexia), é um distúrbio na aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, diagnosticada no início do processo de alfabetização.

De acordo com as estatísticas, de 10% a 15% da população mundial é disléxica. No Brasil, dados da ABD - Associação Brasileira de Dislexia indicam que, em média, 42% dos casos diagnosticados na faixa mais crítica, entre 10 e 12 anos, são de grau severo, 41% são de grau moderado e 17% de grau leve, como podemos ver através do gráfico 1 (segundo a ABD).

Gráfico 1

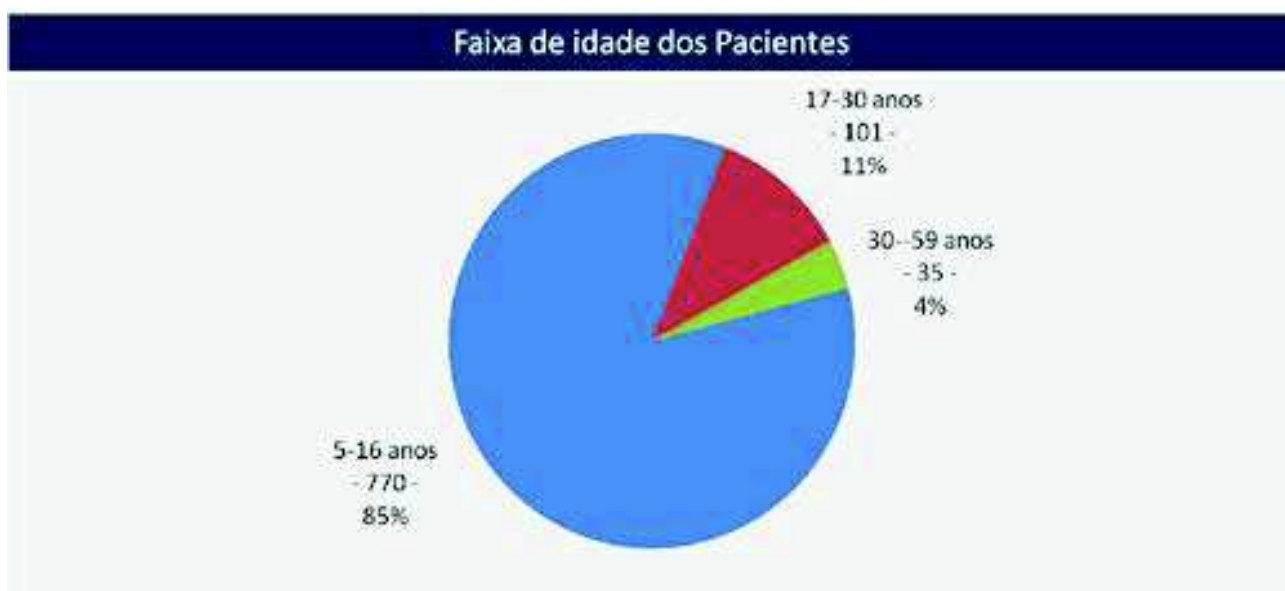


Segundo as estatísticas de diagnósticos, atuais, realizados pelo CAE - Centro de Avaliação e Encaminhamento da ABD, referente ao período de Janeiro a Dezembro de 2008, 906 pacientes (gráfico 2) foram avaliados e a procura pelo diagnóstico da ABD é maior entre os homens e, principalmente, essa procura ocorre entre crianças de 5 a 16 anos de idade (gráfico 3) .

Gráfico 2



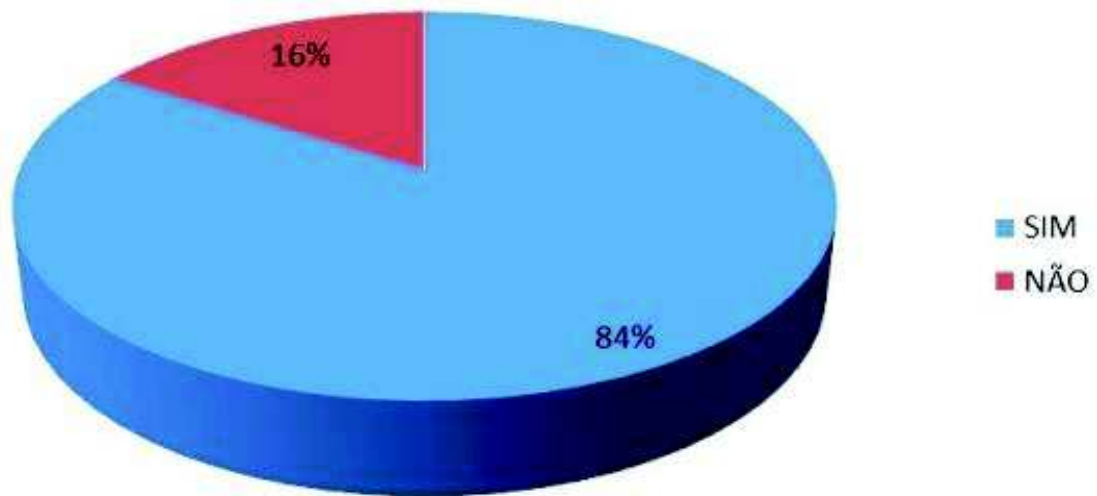
Gráfico 3



Ainda segundo a ABD a maioria dos disléxicos tem antecedentes familiares, ou seja alguém da sua família tem também o distúrbio de aprendizagem. Como podemos comprovar pelo gráfico 4.

Gráfico 4

ANTECEDENTES FAMILIARES / HEREDITARIEDADE



6- POSSÍVEIS SINAIS QUE OS DISLÉXICOS POSSAM APRESENTAR

Notas baixas, tarefas incompletas e resistência em ir à escola são fatos frequentemente associados à preguiça. Mas, o que muitos pais não sabem, é que os sintomas podem indicar que a criança apresenta um quadro de dislexia, distúrbio que altera a capacidade de associação do som ao símbolo - no caso, as letras. Mais comum do que se imagina, a dislexia atinge cerca de 10% a 15% da população mundial, sendo que aproximadamente 4% apresentam dificuldades acentuadas no aprendizado, de acordo com a psicopedagoga Adma Calux, de Sorocaba, interior de São Paulo.

Os primeiros sintomas aparecem durante a alfabetização. A demora na aquisição da leitura e da escrita e a grafia incorreta, com trocas, omissões, junções e aglutinações de fonemas, são os primeiros indícios de que a criança pode apresentar o distúrbio. "Podemos suspeitar de um quadro de dislexia quando, apesar de inteligência adequada e oportunidades de ensino e aprendizagem, a pessoa apresentar alguns desses sinais", afirma a especialista.

De acordo com associação brasileira de dislexia se tem alguns sinais que podem nos alertar ao professor se seu aluno tem o distúrbio de aprendizagem e se deve estar atento a eles.

Não há cura para a dislexia, que se manifesta por herança genética e não se relaciona com distúrbios psicológicos. O tratamento, feito com fonoaudiólogos,

psicólogos e psicopedagogos, costuma garantir uma vida normal aos portadores do transtorno. “A leitura e a escrita vão exigir esforço constante, mas a criança pode seguir sua vida escolar sem problemas”, afirma Carolina Piza, pesquisadora e neuropsicóloga do Núcleo de Atendimento Infantil Interdisciplinar da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). “O desenvolvimento intelectual e a capacidade de comunicação não são afetados.”

A neuropsicóloga explica que o diagnóstico de uma criança disléxica pode ser feito apenas a partir da alfabetização, quando um professor percebe que a evolução do aluno está aquém da esperada. Mesmo assim, é necessário que a criança seja submetida à análise de professores, psicólogos e fonoaudiólogos para diferenciar se ela tem dificuldades pontuais ou é disléxica.

- Na idade pré-escolar:

Falta de atenção; Pouco desenvolvimento; Atraso no seu desenvolvimento em relação a fala e a linguagem; Dificuldade de aprender rimas e canções; Dificuldade em desenvolver a coordenação motora; Não conseguem montar quebra-cabeças; Não expressa muitos interesses em livros impressos.

- Na idade escolar:

Muitas dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita; pobre conhecimento em rimas, ou seja, aos sons iguais no final das palavras; desatenção; dificuldades em copiar do quadro ou de livros; dificuldade em realizar atividades que necessitem de utilizar sua coordenação motora fina seja para escrever letras, fazer desenhos ou pinturas, e entre outras atividades; dificuldades em se expressar com o corpo como em atividades de danças ou ginásticas; desorganização geral como perdas de materiais e demora em entrega de trabalhos escolares; confusão na sua lateralidade (esquerda e direita). Dificuldade no manuseio de mapas dicionários; vocabulário pobre e imaturo.

- Na alfabetização:

Leitura lenta e sem fluência, porque elas têm dificuldade em identificar palavras e associá-las a seus sentidos; Erros ortográficos, a dislexia prejudica a consciência fonográfica, isto é, a habilidade de discriminar sons parecidos, por isso, letras com

pronúncias semelhantes, como V e F ou B e D, costumam ser trocadas na escrita, ocasionando erros ortográficos; Demora para construir frases; Dificuldade em memorizar a curto prazo; Escrever espelhado, ou seja, escrever palavras de trás para a frente, como se o texto tivesse sido colocado diante de um espelho, pode ser um sinal do distúrbio; Falta de concentração, não conseguem se concentrar em atividades que exigem concentração, como realizar um jogo, montar um quebra-cabeça; Crianças disléxicas demoram mais do que as outras para adquirir noções temporais e espaciais, assim como a dominância de lados e os conceitos de direita e esquerda. Elas podem confundir “ontem e hoje” ou “acima e abaixo”. Segundo a Unifesp.

Mas vale destacar que as crianças disléxicas não possuem só as dificuldades, mas também possuem virtudes em outras áreas de acordo Ianhez e Nico (2002:)

- Facilidade para construir, ou consertar as coisas quebradas.
- Ser um ótimo amigo.
- Ter ideias criativas e achar soluções originais para os problemas.
- Desenhar e/ou pintar muito bem.
- Ter ótimo desempenho no esporte.
- Ter ótimo desempenho na música.
- Demonstrar grande afinidade com a matemática.
- Revelar-se bom contador de histórias.
- Sobressair-se como ator ou dançarino.
- Lembrar-se de detalhes.

7- A ALFABETIZAÇÃO DE DISLÉXICOS

Analisando a afirmação dos teóricos, fica claro que a dislexia não é consequência de uma má alfabetização, como algumas pessoas afirmam. Como já foi dito, é uma dificuldade de aprendizagem, e que precisa ser levada a sério, pois essas crianças podem ser alfabetizadas, como podemos comprovar através da afirmação de Muskat (2002, p.15).

Considera a dislexia um transtorno específico de linguagem de origem constitucional e caracterizado por dificuldades em decodificar palavras isoladas, refletindo dificuldade no processamento e manipulação da estrutura sonora das palavras.

Em primeiro lugar, é necessário fazer um diagnóstico preciso, para saber se a criança é mesmo disléxica, para isso precisa de análise de um fonoaudiólogo, um psicólogo e um psicopedagogo. Quando se tem esse diagnóstico certo, precisa-se da ajuda de todas as pessoas envolvidas com a criança, tanto na escola como a família, para que todos possam ajudar nesse processo de alfabetização. Fernandes e Penna (2008, p. 40) ainda acrescentam que “os relatórios dos professores, estudo do material escolar relativo à escrita e caligrafia, matemática e desenho podem ser úteis no diagnóstico da dislexia”.

Para que se consiga uma alfabetização eficaz com o aluno disléxico o professor tem que está preparado e tratar o aluno com bastante afetividade, para que ele se sinta seguro na sala de aula, e o professor tem que realizar estratégias simples para promover a aprendizagem a esse aluno, como colocar ele ao seu lado, e próximo ao quadro, porque como se sabe ele se distrai com muita facilidade. Com isso ao professor vai poder dá mais atenção e acompanhamento as atividades (ALMEIDA 2014).

O professor deve usar recursos lúdicos e chamativos para ajudar na alfabetização dessas crianças. O professor deve utilizar elementos visuais (figuras, gráficos, vídeos, etc.) e táteis (como por exemplo, a utilização de alfabeto móvel, massinha, e outros) para que a entrada das informações possa ser beneficiada por outras vias sensoriais. Dessa forma, principalmente no período de alfabetização, o aluno pode compreender melhor a relação letra-som.

As aulas não podem ser longas, o professor tem que dar alguns intervalos, não levar textos grandes, utilizar de jogos pedagógicos para que se possa promover uma aula menos cansativa. Não deve ser uma aula repetitiva com a intenção de ter boa fixação, pois o aluno não se interessa, o professor deve observar constantemente se o aluno está conseguindo acompanhar as aulas e se está assimilando os conhecimentos (ALMEIDA 2014).

O professor tem que permitir alguns hábitos diferentes em relação aos complementos de aprendizagem, como:

O professor pode dar algumas atividades já prontas para que o aluno tenha o material em seu caderno e não perca tempo maior que os outros para copiar textos. Levar em consideração que a velocidade da escrita do aluno com Dislexia é mais lenta em razão de dificuldades de orientação e mapeamento espacial, entre outros fatores. Sempre que necessário, permitir o uso de tabuadas, material dourado e ábaco nas séries iniciais, e o uso de fórmulas, calculadora, gravador e outros recursos, nas séries mais avançadas. Fornecer dicas, atalhos, regras mnemônicas e associações ajudam o aluno a lembrar-se das

informações, executar atividades e resolver problemas. Como opção para atividades de aprendizado complementar além da leitura, indicar filmes, documentários, peças de teatro, visita a museus, quadrinhos e, sobretudo, recursos digitais. (ALMEIDA, 2014, p.25).

8- ORIENTAÇÕES AOS PROFESSORES PARA QUE SE POSSA PROMOVER A INCLUSÃO

Educação Inclusiva é uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças. As diferenças sempre existiram. Na educação inclusiva elas precisam ser reconhecidas e valorizadas, sem preconceito.

A inclusão prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular. Isso mesmo, na educação inclusiva todos os alunos devem fazer parte da escola comum.

O professor e a escola tem que promover uma educação inclusiva que visa uma educação aberta a todos sem restrição, então o professor que tem um aluno disléxico não tem que ser especializado totalmente em dislexia, mas precisa ser um especialista em lidar com as diferenças e a diversidade.

Só que muitos professores estão cientes dos termos da educação inclusiva só que não a fazem da forma correta, pois, acham que só receberem os alunos nas suas salas de aula de forma afetiva é suficiente, pois, não promovem ações que incluam esse aluno de verdade, porque não buscam formas que esse aluno venha aprender de verdade, com isso desmotivam esses alunos que não conseguem aprender.

No entanto, muitas vezes, as práticas inclusivas se distanciam sobremaneira das proposições teóricas e legais. Nesse contexto fica evidente a insatisfação de todos os personagens envolvidos no processo, sejam os pais de crianças com necessidades educacionais especiais (NEE), que aspiram por um atendimento especializado e individualizado para os seus filhos, sejam os gestores e professores, que se sentem despreparados e desamparados para atender essa demanda. (ALMEIDA 2014)

Na visão escolar, o processo de inclusão deve ser capaz de atender a todos, indistintamente, incorporando as diferenças no contexto da escola, o que exige a

transformação de seu cotidiano e, certamente, o surgimento de novas formas de organização escolar, audaciosas e comprometidas com uma nova forma de pensar e fazer educação segundo Almeida (2014).

A maioria das escolas regulares no Brasil não está preparada para receber e ensinar aos alunos com deficiência ou com alguma dificuldade de aprendizagem, devido a problema de infraestrutura e formação profissional da equipe. Pois a demanda atualmente é grande e o professor e a escola não estão aptos a lidar com estes alunos.

Para o professor realmente fazer a inclusão do aluno com dislexia, segundo a cartilha da inclusão, deve promover na comunidade escolar atividades de conscientização sobre dislexia, criando estratégias úteis para que se possa ampliar os conhecimentos sobre o tema como aulas, debates e vídeos, e a escola tem que ter um diálogo aberto com a família do dislético, e com os profissionais que o atendem, para que a escola e esses profissionais trabalhem em conjunto com atividades que se interliguem.

Para que o dislético possa receber uma instrução escolar que o habilite a superar ou minimiza suas dificuldades de aprendizado, torna-se necessária a capacitação do educador que deverá dar apoio e supervisão ao trabalho de reeducação da linguagem que um professor treinado irá desenvolver junto a esse aluno em sala de aula... (LUCZINSKI, 2009. p, 99)

8.1- COMO INTERAGIR COM O DISLÉTICO EM SALA DE AULA

A criança dislética tem uma vida normal como qualquer outra criança no seu convívio social, na família com os amigos e com todos em sua volta, as suas dificuldades aparecem na sala de aula, por isso que surgem muitos conflitos com essas crianças. E segundo a Associação Brasileira de Dislexia a escola que conhecemos certamente não foi feita para o dislético. Objetivos, conteúdos, metodologias, organização, funcionamento e avaliação nada têm a ver com ele.

Não é por acaso que muitas pessoas com dislexia não sobrevivem à escola e são por ela preteridos. E os que conseguem resistir a ela e diplomar-se o fazem, astuciosamente, por meio de artifícios, que lhes permitem driblar o tempo, os modelos, as exigências burocráticas, as cobranças dos professores, as humilhações sofridas e, principalmente, as notas.

Mas ainda existem professores que se preocupam com esses disléticos e se capacitam para recebe-lo com louvor, tendo um relacionamento afetivo e buscando a inclusão de seu aluno, com atividades no seu nível, realizando provas de acordo com a

sua capacidade de escrita e leitura, indo atrás de jogos que o atraiam para aprender sem muita repetição.

Na atitude de buscar aperfeiçoamento que traz uma procedente formação continuada e, principalmente, em sua postura humana, acolhedor, empática, competente e amorosa frente ao educando, o professor inclusivo pode ajudar o seu aluno a realizar sua autoconquista, sedimentando sua autoestima e, assim direcionando o caminho de vidas humanas com que estará ajudando a construir o alicerce de uma nação e a inter-relação entre povos e nações. (GOMES, 2012, p. 119)

De acordo com a ABD o professor deve ser um facilitador do conhecimento e aberto a lidar com as diferenças e um especialista em despertar autoestima ao seu aluno, transformando sua sala de aula em um local preparado para exercitar o raciocínio, isto é, onde os alunos possam aprender a ser objetivos, a mostrar liderança, resolver conflitos de opinião, a chegar a um denominador comum e obter uma ação construtiva. Sob este prisma, a interação com o aluno disléxico torna-se facilitada, pois, apesar do distúrbio de linguagem, este aluno apresenta potencial intelectual e cognitivo preservado; desta maneira estará sendo estimulado e respeitado, além de se favorecer um melhor desempenho.

A escola tem por obrigação ter o conhecimento sobre os distúrbios que possam interferir na aprendizagem e realizar junto ao aluno o acolhimento, tão necessário, mostrando a ele que a escola está ao seu lado e também irá ajuda-lo a superar as dificuldades que surgem (Maria Inez Ocanã De Luca, CAE e CTAS-ABD).

De acordo com o portal de educação, o professor precisa ter paciência para trabalhar com este aluno disléxico na sala de aula buscando diariamente atender as necessidades que o mesmo apresenta. Como já foi dito não deve ser alfabetizado pelo método tradicional, pois a criança com dislexia não consegue internalizar o todo, necessita de um trabalho bem individual, com muita repetição, utilizando, também, o método fonético, pois sua dificuldade está, principalmente, em fixar os fonemas.

Este trabalho deve iniciar-se pela leitura de livros com uma simples compreensão, aumentando gradativamente o conteúdo dos mesmos e só chegar ao todo quando achar que o aluno já está preparado ou capacitado para ter esta compreensão (Portal da educação, 2013).

Ianhez e Nico (2002) mostram algumas funções que a escola deve adotar ao constatar que a criança possui dislexia:

- Dar encorajamento
- Atender e respeitar as capacidades e os limites das criança
- Estar informada para amparar a criança em sua dificuldade
- Manter o professor da classe familiarizado(s) e sensibilizado(s) com a dislexia para compreender e apoiar a criança na sala de aula, ou ainda reconhecer a necessidade de ajuda extra.

- Desenvolver um clima de paciência, para que as crianças possam ter tempo suficiente para cumprir suas tarefas e até mesmo repeti-las várias vezes para retê-las.

- Permitir que a criança erre, isso fará com que ela se sinta mais livre para se expressar e mais interessada em corrigir o erro.

9- MÉTODOS QUE AUXILIAM NO APRENDIZADO DA CRIANÇA COM DISLEXIA

O aprendizado das crianças disléxicas não é impossível, mas os professores tem que procurar meios que venham a auxiliar este aprendizado, pois elas tem dificuldade em aprender no método tradicional de ensino, não podemos esquecer que elas aprendem mais devagar que as outras crianças da mesma idade, por esse motivo os especialistas indicam dois métodos muito utilizados que é o método fônico e o método multissensorial, o fônico é mais usado para as crianças na idade de alfabetização e o multissensorial para as crianças maiores.

O método que pode ajudar no início da alfabetização das crianças com dislexia é o Método Fônico, que antes de ensinar a pronúncia completa das palavras, ensina o som de cada letra e depois constrói a mistura dos sons em conjunto para se pronunciar a palavra inteira, dessa forma fica mais fácil para a criança compreender, pois os métodos mais tradicionais como o método Paulo Freire confundem a criança com este problema.

Nesse método de aprendizado da leitura, a criança inicia o mesmo em duas etapas, primeiro são apresentados os sons das letras, ou seja, pelos fonemas, após ele aprender a maioria dos fonemas e já se familiarizar com eles, passa para a segunda etapa, em que ensina a criança a combinar estes fonemas formando as palavras.

Esse método é eficaz por ser lúdico e nada mecânico, sendo então eficaz em produzir compreensão e produção de textos porque, de modo sistemático e lúdico, fortalece o raciocínio e a inteligência verbal. No método fônico, a alfabetização se dá através da associação entre símbolo e som. Para que a criança se torne capaz de decifrar milhares de palavras, aprendendo a reconhecer o som de cada letra. De outra forma, tendo que memorizar visualmente todo o léxico, algo ineficiente do ponto de vista dos defensores do método fônico. O método parte da regra para a exceção.

Quando se usa o método fônico a compreensão dos textos é melhorada. No método audiovisual, onde o professor dá logo o texto, o que acontece é que a criança tende a memorizar as palavras.

Desta forma, aprendemos que a alfabetização de crianças com dislexias pode ser feita sim, desde que haja compreensão, paciência, dedicação e que o professor possa buscar um método certo pra sanar esse problema, pois crianças disléxicas tende a demorar mais para serem totalmente alfabetizadas.

Esse método tem como especialidade a instrução das equivalências entre os sons e as letras e utiliza-se de agilidades que desenvolvem rima, discriminação de sons, divisão em segmentos fônica e relações entre os fonemas e os grafemas, pois “as crianças disléxicas têm dificuldade em discriminar, segmentar e manipular de forma consciente, os sons da fala” (Capovilla, 2004, p14) ela ainda define que este método o é recomendado para qualquer criança. Essas atividades fônicas e metafonológicas podem ser levadas para serem realizadas em sala de aula pelos professores e profissionais da área educacional, visando prevenir e intervir em algumas dificuldades de aquisição da linguagem escrita.

Segundo Muskat (2017) este é um método com melhor eficácia comprovada não só pra crianças com dislexia no período da alfabetização mais pra qualquer criança com ou sem dificuldade no aprendizado:

Quando associadas ao ensino das correspondências entre letras e sons, as instruções de consciência fonológica têm efeito ainda maior sobre a aquisição da leitura e escrita. Além de ser um procedimento bastante eficaz para a alfabetização de crianças com dislexia, o método fônico também tem se mostrado o mais adequado ao ensino regular de crianças sem distúrbios de leitura e escrita. (MUSKAT. 2012, p. 71)

O método multissensorial por sua vez auxilia bastante no aprendizado de crianças disléxicas que mesmo passado a idade de alfabetização não conseguiram a aquisição da leitura e escrita. Este método é utilizado com visão em despertar nos

alunos diversas áreas: a auditiva, visual, tátil e a cinestésica. E através dele se observa a necessidade de se buscar prevenções e intervenções que garantam um melhor aprendizado para essas crianças. E podemos comprovar essa fala pela citação a seguir:

Ao unir as modalidades auditivas, visual, cinestésica e tátil, esse método facilita a leitura e a escrita ao estabelecer conexão entre aspectos visuais (a forma ortográfica da palavra), auditivos (a forma fonológica) e cinestésico (os movimentos necessários para escrever palavras). (MUSKAT. 2012, p. 69)

9.1 A UTILIZAÇÃO DO JOGO COMO FERRAMENTA NO APRENDIZADO DAS CRIANÇAS COM DISLEXIA.

Atualmente vivemos em um mundo onde os computadores estão fazendo parte do nosso cotidiano. Contudo, devemos saber utilizar esse instrumento com sabedoria, a ponto de extrair o melhor que ele possa nos oferecer.

A sociedade que se configura exige que a educação prepare o aluno para enfrentar novas situações a cada dia. Assim, deixa de ser sinônimo de transferência de informações e adquire caráter de renovação constante. A escola de hoje é fruto da era industrial, foi estruturada para preparar as pessoas para viver e trabalhar na sociedade que agora está sendo convocada a aprender, devido às novas exigências de formação de indivíduos, profissionais e cidadãos muito diferentes daqueles que eram necessários na era industrial. (SERAFIM e SOUSA 2011, p.17 e 18)

Na educação isso também é possível, as crianças estão cada vez mais informatizadas, todos os dias chegam dentro das salas com mais novidades sobre algo ligado aos computadores, sites, programas, jogos, entre outros.

Por isso segundo Serafim (2011), é necessário que também os professores retirem o máximo de aproveitamento disso, colocando dentro da sala de aula as novidades existentes em sites com conteúdos educativos. Antes de iniciar um conteúdo, por exemplo, o professor deve orientar os alunos (com a intenção de brincar), a brincar com jogos educativos de alguns sites da internet.

Costuma – se dizer que, “a criança que não brinca está doente”. Pois realmente a criança só não brinca se estiver doente, diante dessa informação podemos perceber que no momento em que a criança brinca, ela também inconscientemente, favorece o seu próprio aprendizado.

[...] na primeira infância surgem e se desenvolvem os elementos do jogo dramático. Através do jogo dramático a criança satisfaz os seus desejos de conviver com o adulto: reproduz as relações e as atividades de trabalho dos adultos de forma lúdica. (MUKHINA, 1995, p. 155)

O jogo é importante na vida da criança, não apenas porque a criança está se divertindo e interagindo com outras pessoas, mas o jogo dá origem a mudanças qualitativas na psique infantil.

Quando observamos as crianças brincarem sozinhas ou acompanhadas, podemos perceber a presença do jogo dramático, onde ocorrem situações em que as mesmas reproduzem cenas da vida familiar. As crianças brincam de coisas parecidas em todas as idades, mas logicamente de maneira diferente. Ao observar o adulto em suas atividades a criança destaca como aspecto principal o conteúdo do seu jogo.

A criança como um todo vê o momento de brincar como algo essencial para a sua vida. No entanto é necessário usufruirmos desse fator, que é o uso do jogo, para incentivar e influenciar a criança em diversas áreas, inclusive em áreas onde a criança tenha determinadas dificuldades, como exemplo a dislexia.

Isso quer dizer que podemos utilizar o jogo como práticas de ensino para crianças com dislexia.

10- TRATAMENTO

Como a dislexia não se trata de uma doença e sim de uma dificuldade de aprendizagem. Não há prescrição de medicamentos para quadros de dislexia, e, sim, adaptações pedagógicas feitas por parte do professor, em conjunto ao atendimento especializado com os profissionais da área de saúde (psicólogo, psicopedagogo ou fonoaudiólogo), que todo aluno com esta dificuldade deve ter este acompanhamento.

Segundo LUCZINSKI, (2009) esse tratamento não é homogêneo é feito a partir do nível de dislexia que a criança se encontra e varia de acordo com a dificuldade e maior necessidade da criança ou do jovem, por isso deve se ter um diagnostico preciso feito a partir de teste e acompanhamento especializado.

No início do processo, é possível que as crianças consigam se alfabetizar, apesar da lentidão e das dificuldades. Sempre que possível, vale recorrer a estratégias alternativas, como por exemplo, as multissensoriais. Destacar os sons, ou utilizar figuras

e outros elementos visuais, pode auxiliar. O estímulo dos pais e professores para melhorar a compreensão de leitura, também é muito importante. Isso pode ser feito ao realizar uma leitura compartilhada, na qual se discute o conteúdo lido trecho a trecho. Vale lançar mão de diferentes estratégias, visando sempre a boa evolução da criança. (BROMBERG 2014)

A resposta ao tratamento depende da condição geral da criança com dislexia, contudo, a motivação pessoal e a boa estimulação em casa e na escola, são bastante importantes para esse processo. Segundo a associação brasileira de dislexia.

E sabemos que pra qualquer tratamento ter eficácia o professor tem que está preparado e capacitado pra receber este aluno.

Portanto, um diagnóstico multidisciplinar, métodos cientificamente estruturados, o educador capacitado e o professor de sala de aula treinado constituem a chave mestra de um programa preventivo de sucesso no ensino de crianças sob risco de virem a apresentar dificuldade de aprendizado de leitura e escrita, bem como em programas de reeducação de disléxico e analfabetos funcionais e literais, de qualquer idade. (LUCZINSKI, 2009. p, 106)

10.1- UM MÉTODO EFETIVO PARA A INCLUSÃO E REEDUCAÇÃO DO DISLÉXICO

Um dos tratamentos que está em vigor no Brasil é o método Panlexia, vem a ser um método de orientação diagnóstica e um programa que vem dá assistência pedagógica ao indivíduo disléxico. É o resultado de longos anos de pesquisas e experiências, compartilhadas por diferentes fontes de informação. E se torna interessante perceber, que muitas dessas influências vieram do trabalho cooperativo de profissionais ligados a domínios nos quais crianças disléxicas eram observadas e assistidas.

O Método Panlexia é o primeiro método construído segundo as características fonema x grafema do idioma português falado e escrito no Brasil. É um método de orientação diagnóstica e um programa abrangente de assistência pedagógica a pessoas com Dificuldades Específicas de Linguagem. É o resultado de longos anos de pesquisas e experiências compartilhadas por diferentes fontes de informação. (BROMBERG, 2014)

A panlexia tem como características o método multisensório, ou seja são usadas formas simultâneas, com intuito de melhorar o aprendizado e a memória dessas crianças. Segundo GOMES (2012), a pesquisa científica comprovou que pessoas que usam todas as vias de aprendizado conseguem armazenar e evocar as informações de forma eficiente.

Na panlexia o ensino deve ser feito de uma forma bem explícita, ou seja, unindo o aprendizado das e escrita. “a correspondência de fonemas e grafemas, os tipos de sílabas, regras e probabilidades estruturais da língua prefixos e sufixos. GOMES (2012, p. 109)”. Também é sequencial e cumulativo, flexível e individual para cada aluno, dessa forma o professor deve conhecer as dificuldades individuais do seu educando ele adapta o seu ensino para cada um da forma que ele venha a aprender com êxito.

A beleza do ensino está na forma do professor encontrar as conexões corretas para ajudar ao estudante a assimilar o conteúdo, pois, às vezes o que é considerado errado, para o disléxico é apenas incompleto.

Quando é dada a ênfase a esta abordagem de ensino terapêutico, o estudante começa a superar as atitudes negativas que apresentava com aos erros que cometia. Esse aluno aprende que cada erro fornece uma pista para o entendimento como ele pensa e de como trabalha. Os erros definem a linha demarcatória que separa uma percepção confusa do entendimento claro. (GOMES 2012, p. 110)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma educação inclusiva dentro da escola deve estar apta para receber uma diversidade de grupos sociais, enriquecendo assim as interações sociais dentro da escola e valorizando o respeito mútuo entre pessoas diferentes.

É dentro da escola, na sala de aula, que a dislexia aparece, embora as crianças disléxicas revelem suas dificuldades não apenas na escola, mas também em outros ambientes e situações do seu convívio. No entanto, devemos entender que a escola como um todo não foi preparada para receber uma criança com dislexia, assim como também não está preparada para receber crianças com necessidades especiais.

Diante disso, o professor precisa ter um pensamento compreensível para lidar com as possíveis diferenças que possam surgir dentro da sala de aula, estimulando e interagindo com as crianças, a fim de as mesmas possam solucionar os seus conflitos.

Para isso, é importante frisar a importância do jogo como prática pedagógica com a criança disléxica, pois através dos jogos é possível estimular a aprendizagem das crianças, pois ao mesmo tempo em que a criança brinca também se socializa, visando à aprendizagem do aluno.

Ao mesmo tempo em que a criança brinca, através de um jogo educativo, o convívio social é influenciado, o desenvolvimento social, afetivo, assim como a coordenação motora, a ordem do pensamento, as noções de tempo e de espaço são estimuladas.

As aulas planejadas devem abordar não apenas o tradicional, mas deve-se recorrer a metodologias que envolvam não apenas a criança disléxica, mas também os demais alunos, para que assim possa promover a interação entre todos os alunos da sala de aula. Por isso, o professor deve promover métodos que incluam o disléxicos na sua sala com atividades que desperte o seu interesse, dando a atenção devida e se capacitando para que este educando se sinta acolhido como os outros integrantes da sala regular.

Contudo, devemos ressaltar que Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem e que as escolas devem orientar aos professores como lidar com essa dificuldade das crianças, para que elas possam não só serem incluídas nas escolas, mas também avançarem em sua aprendizagem.

ABSTRACT:

This article addresses the issue of dyslexia, which is a difficulty in the learning process to read and write, showing the importance of understanding such a framework, and the teacher's need to be prepared to receive these children with subsidies to aid in their learning. The target was to reflect on the importance of having teaching methods that can aid in the learning of dyslexic children. For the theoretical basis, the following authors were studied: MAASI (2008), MUSKAT (2002), PENA (2008), SERAFIM (2011), MUKHINA (1995). The methodology was the bibliographical research. The results showed that it is possible to provide the study of reading and writing activities to children with dyslexia, since they have the capacity to learn, as long as the teacher seeks methods that they can provide because these students are not deficient, they only have a cognitive problem and the learning process will be slower than the other kids but they will have a successful school life if they has a follow up. Therefore, we conclude that it is necessary for teachers in their pedagogical practice to seek training so that they are prepared to receive and include students with some type of cognitive difficulty, since this work has allowed us to reflect on the importance of understanding dyslexia and ways to help in the learning process of these children. For this purpose, it is important to emphasize the importance of the game as a pedagogical practice, because through the games it is possible to stimulate the children's learning, and at the same time that it also helps in the socializing process, aiming their learning. Through an educational game, social interaction is influenced, social development, affective, as well as motor coordination, order of thought, notions of time and space are stimulated. The planned classes should address not only the traditional one, but the teacher needs to focus on methodologies that involve not only the dyslexic children, but also the other students should be involved, so that they can promote interaction among all students in the classroom. However, it should be emphasized that dyslexia is a learning disability and that schools should advise teachers how to deal with this difficulty of children, so that they can not only be included in schools, but rather advance in their learning along the life.

Keywords: dyslexia, methodology, learning.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Luciana Mendonça. **Temas em dislexia**. São Paulo, Artes médicas, 2009.

BRYANT, P. E. & Bradley, L. (1985). **Bryant and Bradley Reply**. *Nature*, 313, 74.

CAPELINE, Simone Aparecida. **Dislexia Novos temas, novas perspectivas**. Rio de Janeiro, 2011.

CAPOVILLA & Capovilla (1997). **Treino de Consciência Fonológica e seu impacto em habilidades fonológica, de leitura e ditado de pré 3 a 2ª série**. *Ciência Cognitiva: Teoria, Pesquisa e Aplicação*, 1(2), 461-532.

CAPOVILLA, A. G. S. & Capovilla, F. C. (2000a). **Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível socioeconômico**. *Psicologia Reflexão e Crítica* 13 (1), 7-24.

GÓMES, Ana Maria Salgado. **Dificuldades em Aprendizagem: Detecção e estratégias de ajuda**. São Paulo: Grupo Cultural, 2001.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Alegro, 2002.

MASSI, Giselle. **A dislexia em Questão**. São Paulo: Plexus editora, 2007. p. 25- 40., n.3, p. 1-6, set. 2008

MUSZKAT, Mauro. **O professor e a dislexia**. São Paulo: Cortez editora, 2012.

PEDAGOGIA AO PÉ DA letra disponível em:
<<http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br/posts/dislexia-e-alfabetizacao>> acesso em 12 de Agosto de 2013.

MUKHINA, Valeria. **Psicologia na idade pré-escolar**/ Valeria Mukhina; tradução Claudia Berliner. São Paulo. Martins Fontes, 1995.

Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/o-professor-e-o-trabalho-com-o-aluno-dislexico/26881>> Acesso em 21 de Novembro de 2017

Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/2014/04/17/como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula/>> Acesso em 10 de Outubro de 2014

Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/6190/1/Daniela%20Marques.pdf> Acesso em 11 de Outubro de 2014

Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=498>
Acesso em 13 de Outubro de 2017